

A METAPOLÍTICA DO BOLSONARISMO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O *MODUS OPERANDI* DA EXTREMA- DIREITA BRASILEIRA

Guilherme Ribeiro *

Resumo: A ascensão da extrema-direita nos últimos anos tem chamado a atenção de muitos estudiosos, mas nenhum deles foi capaz de supor que a candidatura e a vitória presidenciais de Jair Messias Bolsonaro no ano de 2018 pudessem mobilizar tantos adeptos. Tal fenômeno tem sido chamado de *bolsonarismo* e, recentemente, deu mostras de sua força por ocasião da comemoração pelo bicentenário da independência do Brasil em 7 de setembro realizada na praia de Copacabana no Rio de Janeiro. Baseado em observações extraídas deste trabalho de campo e no conceito de *metapolítica* definido por Benjamin Teitelbaum em seu estudo sobre a rede tradicionalista envolvendo Steve Bannon nos Estados Unidos, Aleksandr Dugin na Rússia e Olavo de Carvalho no Brasil, argumentamos que o bolsonarismo, caracterizado sobretudo pelo anti-comunismo, pelo militarismo e pela família cristã, opera uma fusão assaz particular entre culto e política da qual a eclosão do signifiante “mito” é um de seus principais desdobramentos e, emblematicamente, uma de suas chaves-explicativas. Concluímos que o bolsonarismo é um fenômeno que excede a esfera da política permitindo, assim, uma leitura ampla do *modus operandi* da atual extrema-direita no Brasil.

Palavras Chaves: bolsonarismo, metapolítica, mito, culto, extrema-direita brasileira.

THE METAPOLITICS OF BOLSONARISM : CONSIDERATIONS ON THE *MODUS OPERANDI* OF THE BRAZILIAN EXTREME RIGHT

Abstract: Over the last years, the rise of the extreme right has attracted many scholars, but none of them was able to imagine that both the candidature and the presidential triumph of Jair

* Doutor em Geografia pela UFF, com estágio sandwich pela Universidade de Paris-IV e pós-doutorado pela UFMG. Professor de Geopolítica do Departamento de Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Email: geofilos@msn.com ORCID : <https://orcid.org/0000-0002-6798-2059>

Messias Bolsonaro could mobilise a large number of supporters. This phenomenon has been called “bolsonarism” and has demonstrated its force during the Brazilian independence bicentenary, when a multitude of people occupied the Copacabana beach in Rio de Janeiro. Based both on this fieldwork and the concept of “metapolitics” developed by Benjamin Teitelbaum in his study of the traditionalist network involving Steve Bannon in the United States, Aleksandr Dugin in Russia and Olavo de Carvalho in Brasil, I argue that bolsonarism — characterised mostly by the anti-comunism, the militarism, and the christian family — made a particular fusion between worship and politics from which the rise of the signifier “myth” is so one of its main development as one of its explanatory keys. I conclude that bolsonarism is a phenomenon that, when exceeding political sphere, it allows a large comprehension of the *modus operandi* of the Brazilian extreme right today.

Key-words: Bolsonarism, metapolitics, myth, worship, Brazilian extreme right

LA METAPOLITIQUE DU BOLSONARISME : CONSIDERATIONS SUR LE MODUS OPERANDI DE L’EXTREME-DROITE BRESILIENNE

Resumé : Dans les derniers ans, l’ascension de l’extreme-droite a attiré plusieurs chercheurs, mais aucun d’eux a été capable d’imaginer que la candidature et la victoire présidentielles de Jair Messias Bolsonaro en 2018 puisse mobiliser un grand nombre d’adeptes. Ce phénomène a été nommé « bolsonarisme » et a récemment montré sa puissance à l’occasion du bicentenaire de l’indépendance brésilienne le 7 septembre 2022 sur la plage de Copacabana à Rio. A partir de ce travail de terrain et du concept de « métapolitique » défini par Benjamin Teitelbaum dans son étude sur le réseau tradicionaliste impliquant Steve Bannon aux États-Unis, Aleksandr Dugin à la Russie et Olavo de Carvalho au Brasil, on argument que le bolsonarisme — caractérisé surtout par l’anti-comunisme, le militarisme et la famille chrétienne — opère une fusion assez particulière entre le culte et la politique à partir duquel l’émérgence du signifiant « mythe » est tant un de ses principaux déploiements quant une de ses clés explicatives. On peut conclure que le bolsonarisme est un phénomène qui, en dépassant la sphère politique, permet une lecture élargie sur le *modus operandi* de l’extreme-droite brésilienne à l’heure actuelle.

Bolsonarisme, métapolitique, mythe, culte, l'extrême droite brésilienne.

Introdução

O Brasil governado por Jair Messias Bolsonaro é o pesadelo mais sinistro da vida nacional desde o fim da ditadura civil-militar em 1985. Não empregamos o termo civil-militar por acaso, mas para acentuar o apoio de parcela considerável da sociedade brasileira à tomada do poder pelos militares e à subsequente instalação de um regime de exceção no fatídico ano de 1964. Cinquenta e quatro anos depois, a história realmente parece repetir-se sob a condição de farsa: um ex-militar indisciplinado cuja trajetória como deputado federal apenas serviu para desonrar a República — a perda de seu mandato só não ocorreu pela própria falta de ética de seus colegas deputados, cujos *modi operandi* consistem mais em corporativismo blindado pela imunidade parlamentar que na defesa da democracia — elegeu-se presidente com mais de cinquenta e sete milhões de votos no 2o turno.

No entanto, apesar de a literatura ser taxativa tanto acerca de como a Lei da Anistia de 1979 isentou os militares de suas responsabilidades durante os anos de chumbo quanto sobre o fato de a Constituição Cidadã de 1988 manifestar ambiguidade em relação ao papel dos militares na sociedade (Zaverucha, 1994; D'Araujo, 2006; Mendes, 2020), derivando disto a incômoda presença deles na vida política nacional redemocratizada, nenhum estudioso foi capaz de suspeitar que algo como o bolsonarismo fosse acontecer. Um ano antes da subida de Bolsonaro ao poder, Wanderley Guilherme dos Santos registrava a “maturidade” da sociedade brasileira para sustentar que um golpe como o de 1964 estaria fora de cogitação, atestava a ausência de “pavor irracional” ao comunismo e o quão “insensato” era associar a crise da democracia à nostalgia para com as ditaduras (Santos, 2017, pp.65, 47 e 152). Em se tratando de um dos maiores expoentes de nossa ciência política, não é o caso de questionar a fundo tal diagnóstico, mas, antes, de interpretá-lo como um sinal de que o *bolsonarismo* — a rapidez com que este neologismo se estabeleceu reflete a urgência e o alcance do fenômeno —

surpreendeu a todos. Ao reiterar o imprevisto causado pelo resultado da eleição presidencial de 2018, Miguel Lago é tão categórico quanto sincero: “Bolsonaro desafia a ciência política” (Lago, 2020, p.20).

Um olhar mais atento nos fará perceber a onda de extrema-direita em vários países europeus, conforme examinou Tzvetan Todorov na conjuntura da vitória presidencial de Nicolas Sarkozy em 2007 (Todorov, 2010 [2008]). Ao mobilizar o tema da identidade nacional francesa, Sarkozy acabou por corroborar as diretrizes xenofóbicas contra a imigração estrangeira defendidas pelo partido extremista *Front Nationale*, p.ex. (ver Noiriél, 2007). Em um plano mais teórico, no início do século Giorgio Agamben recuperava Walter Benjamin e Carl Schmitt para estruturar a tese importante de que o estado de exceção havia se tornado regra (Agamben, 2004 [2003]). Em um nível mais geral, diagnósticos acusando o “fim”, o “definhamento” ou o “esquecimento” da democracia e da política não deixavam de transparecer um ar de pessimismo sobre os novos tempos (Guéhenno, 1999 [1993]; Revault d’Allonnes, 1999; Novaes, 2007). Em tom de profecia quando lido no contexto atual, há duas décadas Paulo Sérgio Pinheiro argumentava que “Não importa que o Estado (...) se tenha definido como democrático: o que conta são as práticas das instituições de governo” (Pinheiro, 2001: 278). Em boa medida, o pessimismo tornou-se realidade: ao elegerem governantes cujas retóricas já não mais escondem inclinações nacionalistas, autoritaristas e militaristas, nos últimos anos Polônia, Hungria, Rússia, Estados Unidos, Venezuela e Brasil vêm erodindo as conquistas do regime democrático — já ausente em países como Coreia do Norte e China (Brito, Mendes, Sales, Amaral & Barreto, 2022).

Um dos estudos sobre esse fenômeno foi empreendido por Benjamin R. Teitelbaum. Dentre seus méritos está o de conectar a vitória de Bolsonaro em 2018 a uma rede de extrema-direita populista cujo alcance transborda o Brasil e tece vários nós com Donald Trump e Vladimir Putin. Do ponto de vista intelectual, a doutrina que os une se chama *tradicionalismo* e, reelaborada por ideólogos como Olavo de Carvalho, Steve Bannon e Aleksandr Dugin, ela saiu das empoeiradas páginas dos livros para influenciar a *geopolítica* — assimilada aqui como a articulação entre as escalas nacional e internacional (Cowen & Smith, 2009) — de duas das mais influentes cadeiras

presidenciais do mundo em pleno século XXI. Tidos como responsáveis diretos pelas vitórias eleitorais, suas estratégias consistem em explorar valores culturais, “éticos” e religiosos visando mobilizar a atenção da extrema-direita contra ameaças ao seu modo de vida. Ao referir-se a tal prática como *metapolítica* (Teitelbaum, 2020), Teitelbaum abre interessante janela metodológica para a análise do bolsonarismo, cujo exame empírico ocorreu com base em pesquisa de campo no dia 7 de setembro de 2022 em Copacabana por ocasião do bicentenário da independência do Brasil.

Nosso argumento caminha em duas direções articuladas: (i) embora imprevisível, o bolsonarismo não é algo incidental e deve ser compreendido a partir da retração da extrema-direita desde o término da ditadura militar; (ii) o bolsonarismo promove uma fusão assaz particular entre culto e política, da qual a eclosão do significante “mito” é um de seus principais desdobramentos e, emblematicamente, uma de suas chaves-explicativas. Concluimos que o bolsonarismo é um fenômeno que excede a esfera da política permitindo, assim, uma leitura ampla do *modus operandi* da extrema-direita no Brasil atual.

Tradicionalismo, geopolítica e metapolítica: a rede mundial da extrema-direita segundo Benjamin Teitelbaum

Deitando raízes no pensamento do francês René Guénon (1886-1951) e do italiano Julius Evora (1898-1974), o tradicionalismo possui fortes componentes esotéricos típicos de uma seita místico-religiosa (vide o envolvimento de Olavo de Carvalho com práticas desse gênero no Brasil e nos Estados Unidos) e, embora Teitelbaum promova esforço considerável no sentido de apresentá-lo de maneira mais clara possível, é difícil de escapar da sensação de pouco rigor intelectual e, mesmo, de charlatanismo — indiscutível em se tratando de Carvalho — ao procurarmos coerência e bom senso nas idéias tradicionalistas. Apesar das diferentes interpretações elaboradas por Carvalho, Dugin e Bannon, Teitelbaum revela a convergência programática entre eles e tece sua pesquisa esforçando-se por montar peça por peça desse quebra-cabeças mais que sinistro. Em linhas gerais, podemos definir o tradicionalismo como uma recusa à

modernidade, à globalização e aos valores ditos universais. Responsáveis por criar uma massa amorfa de indivíduos sem personalidade, em contrapartida a tais elementos o tradicionalismo defende a existência e faz apologia às diferenças culturais (embora enfatize a moral judaico-cristã, religiões orientais são bastante apreciadas por sua capacidade de permanecerem aparentemente alheias aos signos de progresso trazidos pela modernidade) e suas supostas autenticidades, cujas fontes não deixam de estar ligadas, de alguma maneira, ao solo e ao território. Embora mencione uma temporalidade que remete às civilizações da Antiguidade e possua uma leitura muito particular de historicidade baseada em ciclos e nos quatro arquétipos (o termo é nosso) representados por escravos, guerreiros, sacerdotes e comerciantes, o fato é que o tradicionalismo recebe forte impulso de uma ideologia que tanto é historicamente recente quanto sua emergência é indissociável da dinâmica da própria modernidade: o nacionalismo (ver Anderson, 2008 [1983]). E ainda que apele para o poder das etnias em sua concepção geopolítica de mundo, é sobretudo por causa do nacionalismo que o tradicionalismo arrasta consigo hordas de xenófobos, racistas e, como não poderia deixar de ser, nazi-fascistas na preservação de valores, hábitos e modos de vida típicos de alemães “puros”, russos “puros”, suecos “puros”... Enfim, a dificuldade de caracterizar o tradicionalismo incide mesmo sobre o próprio Teitelbaum. Em suas palavras:

“Os Tradicionalistas aspiram a ser tudo que a modernidade não é — comungar com o que eles acreditam serem verdades e estilos de vida transcendentais e atemporais em vez de buscar o ‘progresso’. Alguns Tradicionalistas trabalham seus valores em um sistema de pensamento que vai muito além da divisão política moderna de esquerda ou direita: alguns até dizem que esse sistema está muito além do fascismo. Consequentemente, esse sistema infundiu o pensamento de propagadores da direita anti-imigração, populistas e nacionalistas, e o fez de maneira estranha. É anticapitalista, por exemplo, e pode ser anticristão. Condena o Estado-nação como uma construção modernista e admira aspectos do Islã e do Oriente em geral. Isso tem cara de direita?” (Teitelbaum, 2020, p.20).

Tão cara aos tradicionalistas, a questão da diferença transportou-nos à reflexão do sociólogo paulista Antônio Flávio Pierucci, para quem a esquerda acabava por municiar a própria direita todas as vezes que saía em defesa da diferença como estratégia de luta

por uma sociedade igualitária (Pierucci, 1999). Embora o tema admita muitas camadas e matizes ¹, ao ler a *Weltanschauung* tradicionalista é difícil não concordar com o argumento de Pierucci. Acrescente-se: o conservadorismo tem ojeriza a toda e qualquer discussão em nome da isonomia, ilusão moderna que sufocaria o florescimento da alma, da singularidade de povos e civilizações. É um pouco nesse sentido que Bannon e Dugin, apesar das divergências em relação ao comunismo, aparecem como possíveis aliados na batalha “espiritual” contra o transnacional, o multiculturalismo, a pan-Europa e o globalismo (Teitelbaum, 2020, p.43), e as passagens em que Teitelbaum recupera o encontro secreto dos dois ideólogos em Roma em 2018 revelam o quão bizarra é a geopolítica de base tradicionalista. Leitor ávido de Dugin, Bannon teve a chance de conhecer seus livros por causa das traduções para o inglês efetuadas pela editora sueca de extrema-direita Arktos e, para os interessados em tradução e circulação do conhecimento, Teitelbaum acerta em cheio ao reconhecer a importância da Arktos e suas conexões. No Brasil, alguns livros de Carvalho foram publicados pela editora Record e tornaram-se best-sellers, e o próprio Carvalho foi pioneiro em 1981 ao traduzir para o português *A metafísica oriental*, de Guénon, junto à editora Jupiter; por sua vez, *A quarta teoria política*, de Dugin, foi publicado pela editora curitibana Austral em 2012 com tradução de Fernando Fidalgo, Gustavo Bodaneze e Raphael Machado. Na juventude, Dugin aprendeu italiano e chegou a traduzir textos de Julius Evola (idem, p.48) e, nos últimos anos, ele não só veio ao Brasil conhecer seus seguidores como domina a língua portuguesa ².

Nesse diapasão, complementar ao conceito de geopolítica, Teitelbaum sublinha o papel da *metapolítica*, isto é, a manipulação de valores culturais, educacionais e religiosos como artifícios de campanha política (ibidem, p.62). Assim, ao descrever as estratégias

¹ Em recente e polêmica obra marcada por várias passagens que podem perfeitamente ser apropriadas pela direita, a historiadora da psicanálise Elisabeth Roudinesco investe pesado contra o empoderamento e o alcance do discurso em nome das minorias. Conforme a interpretamos, discursos baseados nesta perspectiva acabam por significar sérios retrocessos em relação ao projeto universal de humanidade e de sociedade desenhado pelo Iluminismo (Roudinesco, 2021).

² Cf. matéria do jornal *Folha de S. Paulo* disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/03/guru-de-putin-aleksandr-dugin-tem-seguidores-no-brasil-e-e-fa-de-bossa-nova.shtml>> . Acesso em 2/3/2022.

idealizadas por Steve Bannon para Donald Trump, parece que o autor está a descrever o próprio governo Bolsonaro (e sua obsessão pela destruição), cuja aproximação subserviente junto a Trump e seus vínculos ideológicos com a dupla de marqueteiros eleitorais Carvalho e Bannon estão bem registradas no livro. Ao se concentrar sobre as afinidades e os humores dos cidadãos de uma determinada nação, a metapolítica ajuda-nos a entender com mais clareza o alerta *metodológico* dos geógrafos Deborah Cowen e Neil Smith: a geopolítica não pode ser tomada apenas como se fosse relações internacionais entre Estados, mas também como um recurso intimamente ligado aos antagonismos no interior dos Estados Nacionais Territoriais (Cowen & Smith, 2009). Logo, fica mais claro entender as razões pelas quais Bannon foi contratado por 1 milhão de dólares para trabalhar contra o regime de Pequim por um bilionário chinês crítico ao sistema de seu país, por exemplo (Teitelbaum, 2020, p.89).

Embora todo livro guarde suas lacunas e, portanto, observações desta natureza possuem alcance limitado *a priori*³, talvez uma pergunta capaz de enriquecer e aprofundar a investigação de Teitelbaum resida nos motivos pelos quais certos grupos sociais, em uma espécie de *Zeitgeist*, aderiram à extrema-direita em vários lugares do mundo. Tal espírito do tempo é, contudo, um fato social e, portanto, deve ser assim compreendido. A título de esboço, talvez seja possível imaginar o seguinte: supondo que o aparecimento de uma “era pós-moderna” — expressão meramente didática, ressalte-se —, marcada pela globalização e pela tecnologia das redes digitais, tenha abalado os pilares de uma determinada configuração sócio-política hegemônica caracterizada, *grosso modo*, pela família patriarcal e pelo nacional-desenvolvimentismo de base industrial e estatal, no Brasil é facilmente perceptível que a versão tropical do tradicionalismo, atravessando frações de populares, da classe média e das elites, reage ao cenário acima evocando nostalgia em relação à ditadura militar e a uma correspondente sociedade ordeira e disciplinada via censura e violência física exercidas sobre as esferas da cultura e do comportamento. Nos Estados Unidos, por sua vez, a reação conservadora ocorre por meio da intensificação dos ataques aos migrantes

³ Sobretudo em tempos de *publish or perish* a asfixiar docentes universitários visando métricas quantitativas imediatas em detrimento de resultados qualitativos a médio e longo prazos.

estrangeiros, os quais têm sido culpabilizados por boa parte dos males da nação. Na Rússia, o receio diante dos novos tempos está ligado ao enfraquecimento do papel do país no sistema internacional após o fim do comunismo e da União Soviética, em contraste com o fortalecimento do sentimento nacionalista por parte dos russos.

Toute proportion gardée, temperados os três casos com a deterioração do padrão de vida dos trabalhadores ocasionada por políticas econômicas neoliberais (tidas não por acaso como totalitárias por Marilena Chauí [Chauí, 2020]), o que temos é a reunião de vários elementos aptos a compor uma atmosfera favorável ao ressurgimento de discursos anti-democráticos como o da Grande Rússia e o Eurasianismo ⁴ (Teitelbaum, 2020, p.52) ou de slogans como Brasil acima de tudo, Deus acima de todos e *Make America Great Again* ⁵. Por sua vez, a disseminação de tais conteúdos obedece a um método caracterizado por *fake news* deliberadamente forjadas em série, deslegitimação dos adversários políticos, questionamentos à lisura do sistema eleitoral e à legalidade das instituições, manipulação de preferências políticas em redes sociais e críticas virulentas à liberdade de imprensa. Somados estes aspectos, o resultado é a criação de um ambiente caótico cuja saída estaria tão somente em candidatos populistas, autoritários e politicamente incorretos (porém religiosos, defensores da família e da moral ainda que na aparência ⁶, algo que pouco importa ao seu eleitorado) capazes de promover algum tipo de “retorno aos bons tempos” (nossas aspas) em que assuntos como racismo, machismo, xenofobia, defesa da violência explícita e preconceitos de toda sorte estavam na ordem do dia mas não eram reprimidos pela imprensa, partidos

⁴ Facilitado pelo apoio da burocracia soviética, Dugin chegou a fundar o Partido Eurasiano em 2005. Uma descrição da trajetória intelectual e política do russo pode ser lida no capítulo 4, intitulado Tempo de matar (pp.45-56).

⁵ Desta vez com novo slogan — *Save America* —, Trump acaba de fazer um comício (03.09.2022) na Pensilvânia após ter sua casa revistada pelo FBI. Suas palavras nos levam a crer que o “método Bannon” continua vigente: “Dá para acreditar? O FBI e o Departamento de Justiça tornaram-se monstros viciosos controlados por canalhas de esquerda radical, advogados e mídia que lhes dizem o que fazer”. Terá o Partido Republicano sanidade o bastante para impedir uma nova investida de sua parte? A notícia está disponível em <<https://www.msn.com/pt-br/entretenimento/noticias/trump-ataca-fbi-em-primeiro-discurso-ap%C3%B3s-revista-em-sua-casa-em-mar-a-lago/vi-AA11tV6l>>. Acesso em 5.9.2022.

⁶ Filha mais velha de Olavo de Carvalho, Heloísa escreve uma carta aberta ao pai denunciando parte de sua personalidade e comportamento heterodoxos para um tradicionalista. Ela passou a ser desacreditada por ele por ser de esquerda. A carta está disponível em <<http://libertoprometheo.blogspot.com/2017/09/carta-aberta-um-pai.html>>. Acesso em 01.03.2020.

de oposição, transexuais e mulheres feministas, pretos empoderados... Todavia, comparada com os golpes militares ocorridos durante o século XX, a diferença maior e altamente tóxica de nossos dias consiste em que criaturas da estirpe de Putin, Trump e Bolsonaro vem sendo democraticamente eleitas pelo povo e, por ele legitimadas, fizeram e continuam fazendo de tudo para erodir a democracia e o direito precisamente no seio da máquina do Estado (cf. alertam Levitsky & Ziblatt, 2018; Bignotto, 2022 e, em um registro diferente, Todorov, 2012).

Foi o que constatamos no dia 7 de setembro de 2022 no Rio de Janeiro, tal como veremos a seguir.

Bolsonarismo à beira-mar: militarismo, cristianismo e anti-comunismo na extrema-direita brasileira

Existem praias tão lindas cheias de luz
Nenhuma tem o encanto que tu possuis
Tuas areias teu céu tão lindo
Tuas sereias sempre sorrindo

Copacabana princesinha do mar
Pelas manhãs tu és a vida a cantar
E à tardinha o Sol poente
Deixa sempre uma saudade na gente

Copacabana o mar eterno cantor
Ao te beijar ficou perdido de amor
E hoje vivo a murmurar só a ti
Copacabana eu hei de amar

Elaborada no ano de 1946 logo após o Estado Novo de Getúlio Vargas, a letra de Alberto Ribeiro logo tornou-se um hino à vida ao ar livre e à beira-mar carioca representada, em

um primeiro momento, pela Praia de Copacabana e, em seguida, (graças sobretudo à bossa-nova no final da década de 1950 e transcorrer da de 1960), pelo bairro de Ipanema. Interpretada por músicos da qualidade de Tom Jobim e Nana Caymmi, a canção *Copacabana* acabou involuntariamente por contribuir para uma profunda idealização do Rio de Janeiro na qual as contradições sociais seriam ora ignoradas, ora atenuadas pelas belezas paisagísticas da “Cidade Maravilhosa”.

Em 7 de setembro de 2022, a orla de Copacabana foi escolhida pelo Governo Bolsonaro como um dos palcos das comemorações oficiais do bicentenário da Independência. Como bem nos ensina a geografia, não podemos desprezar as possibilidades abertas pelo espaço como categoria de análise dos fenômenos sociais (Santos, 1996; Massey, 2008 [2005]). Longe de qualquer tipo de determinismo, os lugares têm algo a dizer sobre a dinâmica dos acontecimentos ⁷. Toda a carreira política do atual presidente está enraizada no Rio de Janeiro. A decisão dele e de seus assessores foi, portanto, estratégica por vários fatores: composto por membros da elite e da classe média (o atual vice-presidente General Mourão é morador do bairro, p.ex.), não por coincidência Copacabana tem sido cenário de manifestações de direita nos últimos anos. Ela é ladeada pelo Forte Duque de Caxias, no Leme, e vizinha da Urca, sede da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e do Instituto Militar de Engenharia. O Clube Militar, localizado na Lagoa, fica a poucos quilômetros. Além disso, Copacabana entrou para a história do Brasil em virtude de um episódio que, ao menos para a direita, acabou por enaltecer a intervenção dos militares na vida política: a Revolta dos 18 do Forte durante a República Velha em 1922. Ou seja: Bolsonaro e seus apoiadores têm todos os motivos para se sentirem em casa em Copacabana. Ao examinarmos os números disponibilizados pelo Tribunal Superior Eleitoral em 2018, os resultados da Zona Eleitoral do bairro confirmam isto: no 1o turno, Bolsonaro teve 51,68% dos votos

⁷ Quando, no âmbito da operação Lava-Jato, Sergio Moro e Deltan Dallagnol fizeram do Poder Judiciário instrumento vil de suas predileções políticas e decretaram a prisão de Lula há poucos meses da eleição que alçou Bolsonaro ao poder em 2018, o líder do Partido dos Trabalhadores não se fez de rogado e abrigou-se por dois dias na cidade de São Bernardo do Campo, região do ABC paulista; mais precisamente, no Sindicato dos Metalúrgicos, espaço símbolo de greves e lutas operárias lideradas pelo próprio Lula durante o período 1978-1980.

válidos, enquanto o segundo colocado Ciro Gomes ganhou 24,84% ⁸; no 2o turno, Bolsonaro recebeu 61,43% dos votos válidos, enquanto Haddad alcançou 38,57% ⁹.

O apoio efusivo à candidatura presidencial de Bolsonaro, a manutenção deste suporte durante o governo e a retomada do entusiasmo em prol de sua reeleição compõem o quadro geral da ascensão da extrema-direita brasileira e representam a grande questão política do nosso tempo. Porém, o termo “grande questão” precisa ser esclarecido. Ao empregá-lo, pretendemos salientar três aspectos: (i) a vitória de Bolsonaro era absolutamente impensável antes do lançamento de sua candidatura seja por sua baixa expressão em escala nacional, seja pela ausência de consistente coligação partidária a sustentá-la, tornando-a portanto algo pouco factível; (ii) a forma “psicanalítica” como a sociedade brasileira a ele aderiu, em uma espécie de “transe” cujo significante-mor deste processo foi, não por acaso, a palavra “mito”, pegou a todos de surpresa; e (iii) a gestão negacionista e suicida durante a pandemia da Covid-19 e os péssimos resultados obtidos na esfera econômica, trazendo de volta fantasmas como a fome e a inflação, não foram suficientes nem para demover seus correligionários, nem para fazê-los refletir sobre as possíveis consequências negativas de mais quatro anos de um governo dessa estirpe.

Situados tais elementos, gostaria de mobilizar o raciocínio histórico (amparado, evidentemente, pela leitura em retrospectiva) e argumentar dialeticamente que embora fosse um *outsider* — na acepção de Norbert Elias (Elias, 1995 [1991]) — no exército e no parlamento, Bolsonaro reunia muitas “qualidades” que o capacitavam a cair nas graças do povo e alçar o poder. Afinal, embora parte da sociedade brasileira tenha lutado pela reconquista da democracia, uma outra fração dela — a mesma que apoiou o golpe de 1964 e cujos filhos cresceram sob a égide do regime tornando-se, por exemplo, militares de profissão como o próprio Bolsonaro — não deixou de ser conservadora após o restabelecimento do sistema democrático e, imediatamente, tanto desenvolveu certa nostalgia pelo regime militar quanto declarada oposição ao espectro

⁸ Disponível em https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/seai/r/sig-eleicao-resultados/resultado-consolidado?p0_zona=5&session=8596361923987. Acesso em 10 de setembro de 2022.

⁹ Disponível em https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/seai/r/sig-eleicao-resultados/resultado-consolidado?p0_turno=2&session=8596361923987. Acesso em 10 de setembro de 2022.

da esquerda. Sem nenhum pudor por ter pactuado com a ditadura e, conclusão lógica, por seu desprezo pela democracia, Bolsonaro não se fez de rogado, vestiu a farda militar e saiu quartéis afora em busca de uma cadeira de vereador. Em 1988, a pauta que o alçou à Câmara Municipal do Rio de Janeiro não poderia ser mais representativa de um grupo que acabara de perder o poder e não se conformava com a abertura perpetrada por Geisel (ver Starling, 2022): outrora privilegiados, militares de baixa patente estariam em dificuldades financeiras, pois seus soldos mal conseguiam sustentar suas famílias. Quebrando a regra de ouro da instituição a qual jurou lealdade, Bolsonaro rebela-se contra o Exército e expõe a público a situação em carta publicada pela revista *Veja* em 1986 (Oyama, 2020). Hoje, sabemos bem o teor implícito contido em sua missiva: mais que reclamar do salário, sua resignação era contra a própria democracia. Eis, aqui, o ovo da serpente: de 1990 em diante, Bolsonaro eleger-se-ia deputado federal por sete vezes consecutivas. Cada vez que suas pautas tornavam-se menos democráticas, mais eleitores ele imantava. Seu capital político teve alcance suficiente para transferir-se para seus três filhos e sua esposa à época.

Outro exemplo de que os órfãos do autoritarismo permaneciam vivos também vem do Rio de Janeiro. No mesmo período do começo da carreira de Bolsonaro, em 1989 uma figura dona de um discurso patriótico e eloquente em prol do incremento das Forças Armadas e da construção de uma bomba atômica brasileira funda sua própria agremiação, o partido da reedificação da ordem nacional (PRONA), e candidata-se à presidência (ver Lopes, 2016). Inicialmente ridicularizado por sua aparência e pela veemência com que declamava seu bordão na televisão, opondo-se a temas que passaram a constar da agenda nacional após a ditadura (ainda que timidamente) como a legalização do aborto e das drogas, Enéas Ferreira Carneiro — conhecido médico cardiologista porém militar quando jovem — passou de 360 mil para 4,6 milhões de votos em 1994, verdadeiro “fenômeno” a ultrapassar políticos do porte de Leonel Brizola (PDT) e Orestes Quécia (PMDB) e alcançar o terceiro lugar geral. Em 1998, obteve o quarto lugar da corrida presidencial com 1 447 090 votos e, embora tivesse dito que só o Palácio do Planalto lhe interessava, mudou de idéia em 2002 e acabou por receber a maior votação de um deputado estadual no país até então: 1,57 milhão de

votos paulistas. Em 2006, Enéas seria reconduzido ao cargo com a quarta maior votação do Estado de São Paulo: 386 905 votos. Aqui, a geografia volta à cena, pois talvez Enéas não tenha escolhido seu domicílio eleitoral por acaso: afinal, os trabalhos de campo de Pierucci revelaram o caráter altamente conservador do eleitor paulista face a temas como os migrantes nordestinos, por exemplo, e políticos como Jânio Quadros e Paulo Maluf (ex-Arena, partido da ditadura) foram eleitos prefeitos da cidade de São Paulo nas décadas de 1980 e 1990, respectivamente. Arrematando o raciocínio em tela porém por outro ângulo, não nos olvidemos que Lula, operário líder do maior sindicato do país e fundador do maior partido de esquerda pós-ditadura, perdeu três pleitos presidenciais seguidos e só alcançaria êxito treze anos depois em 2001. Ou seja: a despeito de suas múltiplas camadas e nuances, existiu um voto majoritariamente conservador a impedir a vitória da esquerda no alvorecer e nos anos subsequentes à redemocratização. Assim, em diálogo com a literatura especializada, a qual menciona uma direita “envergonhada” (Caldeira Neto, 2016) a partir de 1985, talvez seja possível replicar: sim, *pero no mucho*. Enfim, desde a vitória, digamos, inusitada de Fernando Collor em 1989, durante o intervalo 1994-2016 a presidência foi polarizada pelo PSDB e pelo PT tendo como principal foco de controvérsia entre a direita e a esquerda o grau de intervenção do Estado na economia. Grosso modo, tal intervalo foi marcado, de um lado, por aspectos como controle da inflação, modernização da máquina estatal via privatizações, mobilidade social das camadas mais pobres e avanço no tratamento de temas relativos ao racismo, ao feminismo e aos direitos das minorias sexuais. Por outro lado, houve também notório desgaste da esfera política causado por acordos parlamentares contrários ao interesse público, por corrupção e desvio comprovados de dinheiro público e pela deterioração dos serviços de saúde, educação e transporte. Muito além de mera performance estético-imagética como sugerem alguns (Bucci, 2016), as manifestações de 2013 no Brasil eclodem nesse contexto como uma reação, *à esquerda e à direita* (embora não claramente discerníveis naquela ocasião), de uma sociedade civil indignada com a indiferença com que vinha sendo tratada pela sociedade política. Porém, se a reeleição de Dilma Rousseff no ano seguinte pode ser interpretada como um sinal de que a maioria dos brasileiros preferia caminhar, embora *cum grano salis*, com

um governo de esquerda pela quarta vez consecutiva, a direita não demorou a ir às ruas contestar sua própria derrota (Aécio Neves [PSDB] perdeu por pouco mais de três milhões de votos) e, impulsionada pelo golpe político que levou ao impeachment de Roussef, voltava ao poder com Michel Temer (MDB) em 2016 (vide Singer, 2018). Arrematou a escalada da direita o golpe jurídico da Operação Lava-Jato resultando na prisão de Lula em 2018.

Esboçada em linhas gerais, eis a trajetória que nos permite iluminar as condições a partir das quais Bolsonaro e sua metamorfose em bolsonarismo puderam vir à tona. Queremos, assim, suspeitar da leitura segundo a qual a ascensão da extrema-direita brasileira pode ser vista como algo excepcional. Inspirados pela trama das temporalidades arquitetada por Fernand Braudel, embora a história esteja aberta a eventos imprevisíveis ela também é formada por camadas estruturais, ou seja, por heranças acumuladas no decorrer do tempo cujos efeitos explicam e conferem sentido aos mais variados aspectos da vida social (Braudel, 1969). Destarte, embora nos pareça razoável pensar que o impedimento de Dilma e o cárcere de Lula, bem como o enfraquecimento do PSDB em virtude de denúncias sobre corrupção de Aécio Neves e sua família (além da incapacidade dos tucanos de apresentar um nome capaz de mobilizar o país) e a imagem negativa do MDB junto à opinião pública após os escândalos com propina envolvendo diretamente o presidente Temer, foram acontecimentos importantes no sentido de abalar o “presidencialismo de coalizão” (Abranches, 2018) ou — em um registro mais crítico — o “pemedebismo” (Nobre, 2013, 2022), todavia o progressivo e visceral engajamento da sociedade brasileira em prol da candidatura de Bolsonaro não floresceu em um ambiente de vácuo político, mas em uma formação social cujo conservadorismo estrutural (vide Chauí, 2000; Souza, 2017) encontrou alguém capaz de galvanizar suas reivindicações.

Vejamos este argumento, mas por outra perspectiva: repete-se, com insistência e dados empíricos, o papel crucial das redes sociais para o sucesso de Bolsonaro (Nicolau, 2020, p.94). Repete-se, também, o impacto simbólico e positivo da facada por ele sofrida em seu desempenho eleitoral. Entretanto, não é necessário dominar a literatura referente à cultura de massa ou à análise do discurso para saber que toda e qualquer notícia, idéia

ou informação passa por uma série de mediações ao ser recepcionada (Martin-Barbero, 1997 [1987]; Foucault, 1971). Não é o caso, contudo, de minimizar o poder erosivo das recentes tecnologias digitais de comunicação sobre a política: enquanto Miguel Lago chama atenção para conceitos novos como “infodemia” e suas sequelas sobre a esfera pública (Lago, 2002, pp.35-42), Teitelbaum percorre as intervenções de Steve Bannon junto à Cambridge Analytic e ao site Breitbart News revelando o método de funcionamento de produção de *fake news* e manipulações através da captura de informações dos usuários de redes sociais, além de ter mostrado como os Bolsonaro aproximaram-se do norte-americano visando emular suas estratégias sinistras de publicidade política (Teitelbaum, 2020). Ambas as leituras são pertinentes. Porém, cabe a elas incorporar — não por acaso, Lago menciona o “cuidado com a tentação tecnodeterminista” (Lago, 2022, p.38) — a agência social no entendimento do uso político das redes digitais, o que significa que tanto a multiplicação de *fake news* quanto o vulto messiânico assumido por Bolsonaro após o incidente da facada em Juiz de Fora só puderam vicejar no interior de grupos previamente favoráveis a acolhê-los e a reproduzi-los; no seio de facções que já estavam inclinadas a ouvir, criar e disseminar conteúdos de natureza autoritária e religiosa, isto é, *conteúdos que não admitem contestação*. Ao grifarmos a questão da agência, conseguimos perceber como os bolsonaristas transformaram-se em cabos eleitorais ativos ao converterem o *Whatsapp* em plataforma fundamental de campanha acionando vídeos, áudios, fotos e “memes” em defesa de seus “valores”, por exemplo.

Aqui, o conceito de metapolítica descrito por Teitelbaum adquire pleno alcance. Trata-se de:

“fazer campanha não por meio da política, mas da cultura — das artes, do entretenimento, do intelectualismo, da religião e da educação. São nessas esferas que os nossos valores são formados, não na cabine de votação. Quem conseguir alterar a cultura de uma sociedade terá criado uma oportunidade política para si mesmo. Se não conseguir, não terá chance” (Teitelbaum, 2020, p.62).

Tivemos a chance de mergulhar na metapolítica, na “cosmovisão” bolsonarista, no dia 7 de setembro de 2022 em Copacabana. O vocábulo “cosmovisão” não tem aqui nenhuma pretensão filosófica rigorosa; seu aparecimento justifica-se para que levemos a sério a

extrema-direita brasileira *em termos programáticos*. Afinal, ainda que a título de advertência e guardadas as devidas proporções, há unanimidade no reconhecimento de que sociedade civil, poder judiciário, imprensa e partidos políticos foram lenientes para com os excessos iniciais cometidos pelo que viria a ser o nazi-fascismo (Mann, 2008 [2004]; Kershaw, 2010 [2008]; Snyder, 2017). Dito isto, o fato de a primeira declaração de Bolsonaro como presidente eleito ter se passado em um cenário rodeado de livros — a Bíblia, um de Olavo de Carvalho e outro de Winston Churchill —, sendo ele um sujeito declarada e integralmente refratário ao domínio da erudição, antes de consistir em um paradoxo representaria um forte indício *metapolítico* sinalizando que o jogo a ser jogado nos próximos quatro anos seria o de uma guerra cultural ¹⁰. Entretanto, ninguém imaginaria a proporção que isto iria tomar.

Somos obrigados a admitir o estabelecimento do bolsonarismo — procedimento que pode, inclusive, ajudar a elucidá-lo em sua totalidade — como um fenômeno que excede a esfera do político e atinge diretamente a dos “valores” morais, éticos, religiosos. É desta maneira que sua agenda, retórica e prática operaram retrocesso tal que não encontra paralelo desde a redemocratização em 1985. Bolsonaro e seus partidários atrasaram o relógio da história; eles retrocederam no tempo e, com isto, *confundiram a própria percepção do presente histórico*. Para conseguirem tal façanha, movimentam-se como se estivessem em modo arrebatamento. O bolsonarismo é um transe *sui generis* no qual a política converte-se em culto e o culto converte-se em política. Esta fusão faz com que ambas as coisas tornem-se indiscerníveis e, portanto, muito perigosas. Sob essa ótica, o negacionismo vai muito além do terraplanismo e da recusa à vacina contra a Covid-19 e transmuta-se em uma espécie de paradigma no qual o direito e o senso comum, a ética e a história, o espaço público e a defesa da vida são suspensos e só é válido o que se passa no “Brasil paralelo” ¹¹: porte de armas para civis como instrumento primordial para resolver a segurança pública; liberdade de expressão sem prestar contas

¹⁰ Sobre a guerra cultural promovida por Olavo de Carvalho no Brasil, ver a entrevista concedida pelo pesquisador Alvaro Bianchi (Zambello, Mattos e Silva & Di Carlo, 2021).

¹¹ Título de um site bastante famoso não apenas por divulgar, mas por produzir conteúdo voltado especificamente para a extrema-direita como livros, documentários e filmes. Disponível em <https://www.brasilparalelo.com.br/>. Acesso em 22 de setembro de 2022.

à justiça do que se diz em redes sociais seguidas por milhares de pessoas; exacerbado e acrítico espírito cívico; cristianismo como religião da nação e antídoto contra uma sociedade corrompida; militarismo alçado à condição de pilar do Estado e da educação; inexistência de racismo; recusa ao direito das minorias sexuais; tributo à ditadura por ter libertado o Brasil do comunismo... Aliás, haverá termo mais sintomático do ponto de vista psicanalítico que a existência de um país “paralelo” para definir quem se dedica a espalhar falsas notícias, desdenhar da ciência e elaborar versões surreais da história? A linguagem não escapa ao inconsciente, bem o sabemos.

Em um dos muitos trios elétricos espalhados pela Avenida Atlântica, um homem de meia-idade (parecia ser este o perfil etário majoritário, incluindo as pessoas do sexo feminino) e voz impostada ao ritmo dos pastores neopentecostais convocava a todos contra o que denominou “inversão de valores”. Segundo ele, estaríamos vivendo no tempo de Cristo: enquanto soltaram Barrabás (Lula, presume-se), um inocente foi morto. Aqui, podemos especular que ele se referia às críticas exageradas e equivocadas disparadas ao inocente Bolsonaro por seus opositores, embora sua fala não tenha sido clara o bastante. Mais comedido no tom de voz e chamando as pessoas à oração, um outro trio estampando a faixa Centro Dom Bosco carregava uma enorme estátua de Nossa Senhora Auxiliadora ao lado de um painel retratando Allan dos Santos, bolsonarista condenado pelo Supremo Tribunal Federal por sua participação em milícias digitais e atualmente foragido nos Estados Unidos. Fundado no Rio de Janeiro em 2016 — o que não deixa de ser mais uma pista geográfica sobre a atual expansão (*renascimento?*) do conservadorismo brasileiro —, tal Centro informa na página inicial de seu site ser composto por leigos católicos buscando levar “uma vida a serviço da Santa Igreja” e devotados ao estudo da “doutrina bimilenar a fim de resgatar o que foi perdido por causa do modernismo e das diversas infiltrações na estrutura eclesiástica”¹². Atuando também na área editorial, dentre os seus livros mais vendidos estão *Comunismo: a inevitável consequência do livre exame protestante*. Escrito pelo

¹² Disponível em <https://centrodombosco.org>. Acesso em 22 de setembro de 2022.

ideólogo argentino de extrema-direita Jordán Bruno Genta, um dos trechos da sinopse assinala:

*“as contradições econômicas, sociais e ideológicas que parecem justificar a dialética materialista têm seu princípio na negação de Cristo — o Verbo Criador e Redentor — pelo livre exame. A civilização dos modernos (1500-1900) quis ser exclusivamente humana, sem Deus, ou melhor, contra o Deus vivo dos cristãos. A Verdade e a Realeza de Cristo foram substituídas pela livre opinião de cada um e pela soberania popular, duas inconsistências extremas. E é assim que o fantasma do Comunismo Marxista, que há pouco mais de um século começou a percorrer a Europa, converteu-se atualmente na grande Besta vermelha que estende suas garras sobre o mundo inteiro”*¹³.

Ou seja: a pesquisa de Teitelbaum acabara de se materializar diante dos nossos olhos ainda incrédulos. A versão brasileira do tradicionalismo estava ao alcance das minhas mãos. Em teoria, a data do 7 de setembro deveria ser consagrada ao bicentenário da independência. Entretanto, o fato de o convidado principal não ter comparecido à festa (ele era apenas um pretexto, claro) evidencia as muitas camadas e engrenagens por trás do que estava visível à beira-mar. Uma delas refere-se à participação dos católicos — e não apenas dos evangélicos — na composição do bolsonarismo. Em pesquisa realizada pelo jornal *Folha de São Paulo* em 2016, 44% dos evangélicos provém do catolicismo¹⁴ (ver, também, Alves, Cavenaghi, Barros & Carvalho, 2017). Embora comprometido dos pés à cabeça com os protestantes por causa de sua força eleitoral (vide, p.ex., Almeida, 2019), o próprio Bolsonaro declara-se católico e um de seus mais sedutores apelos políticos está justamente na exploração dos significantes *Deus, Pátria, Família e Liberdade*, sempre lembrados em virtude da *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* em oposição ao governo João Goulart em 1964. “Escolhido de Deus”, gritava ao microfone o animador segundos antes da subida do protagonista ao trio custeado pelo pastor da Assembléia de Deus Vitória em Cristo Silas Malafaia, um de seus principais cabos eleitorais no projeto reeleição. Jair Messias não decepcionou seu séquito: “Brasil, terra prometida. Rio, pedaço desse paraíso...”. Mais adiante, coroava a

¹³ Disponível em <https://loja.centrodombosco.org/comunismo-a-inevitavel-consequencia-do-livre-exame-protestante>. Acesso em 22 de setembro de 2022.

¹⁴ Disponível em <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/12/1845231-44-dos-evangelicos-sao-ex-catolicos.shtml>. Acesso em 15 de julho de 2020.

si e aos seus ao confessar, de maneira a não pairar nenhuma dúvida sobre o que estava em jogo: “O Estado é laico, mas o seu presidente é cristão”. Delírio da massa. Imediatamente, veio-nos a argúcia premonitória de Freud: massas artificiais, a igreja e o exército fortalecem a necessidade e a imagem de um líder. Ao investi-lo de afeto, a massa “produz no indivíduo uma impressão de poder limitado e perigo indomável (...) Em obediência à nova autoridade pode-se pôr a ‘consciência’ anterior fora de ação e render-se à atração de ganho prazeroso que certamente se obtém ao suprimir as inibições” (Freud, 2011 [1927], p.36).

Em leitura particular e instigante do Leviatã hobbesiano, Carlo Ginzburg propõe que o medo está na origem tanto do cristianismo quanto do Estado (Ginzburg, 2014 [2008]). Militar de formação, Bolsonaro tem sido hábil em instigar o medo entre seus adeptos, os quais acabam por hasteá-lo à condição de salvador. Da pátria. Da família. Da igreja. Ao amalgamar religiosidade e militarismo, Bolsonaro reúne muitas faces em uma só pessoa. Vem daí sua força, suas virtudes. De um lado, a força das armas, da farda, do Exército; de outro, o poder espiritual de Deus, da religião cristã, dos pastores e seus púlpitos. Ambos convergem rumo à ilusão de um massa de indivíduos dotados de caráter reto, disciplinado, probo, convertido. Para o bolsonarismo, a política só admite reabilitação quando assistida pela religião. “Quando o justo governa, o povo é feliz”, estampava a camisa amarela à venda nas ruas de Copacabana mostrando-o vestido com a faixa presidencial e batendo continência. Ao fundo, a bandeira nacional. Quando carros pretos abriram caminho anunciando sua chegada, o coro “mito, mito, mito” irrompeu de pronto e um homem em um dos trios apressava-se em declarar: “O senhor é herói do povo brasileiro. Nenhum presidente teve a aceitação que o senhor tem”. Era alarme falso, mas a mensagem vinha *do coração* do patriota. No momento em que aviões da FAB rasgaram os ares e canhões do Forte de Copacabana dispararam seus tiros, a sensação era a de *medo*. Ainda, existe um herói. “O capitão voltou/O capitão voltou”, cantava a massa de hora em hora na esperança de um livramento, de um resgate. Indicado ao cargo de vice, ao tomar a palavra pouco antes do presidente o general do exército Braga Netto foi ovacionado pela turba. Para o bolsonarismo, os militares são talhados à risca para lidar com os medos que ameaçam o Brasil,

personificados por Lula e a esquerda comunista. Nada os convencerá do contrário, pois estamos lidando com um recurso que não é nem retórico, nem político (na acepção aristotélica de *zoon politikon* enfatizada por Hannah Arendt [cf. Arendt, 2000/1958]), mas “mitológico” — no sentido descrito abaixo.

“Ciente de que as palavras desnudam nossa mentalidade coletiva — sobretudo quando surgem espontaneamente —, poucas vezes um termo confessou com tanta equivalência as feições mais obscuras de milhões de brasileiros. ‘Mito’ significa embaralhar infantilmente realidade e imaginação. Estar fora da história mas, ao mesmo tempo, deter poderes para nela intervir. Perder a noção de humanidade ao clamar por um super-homem apto a solucionar tudo aquilo visto como ‘problema’. O mito é um clamor delirante em nome da eliminação do outro (...) é o álibi impecável do autoritarismo” (Ribeiro, 2020, p.470).

Outro componente da metapolítica bolsonarista atende pelo nome de anti-comunismo. Em um “palco-trio”, um homem e uma mulher bem jovens discursavam contra o enaltecimento de Karl Marx nas universidades públicas, algo inaceitável dada a responsabilidade do filósofo prussiano por “mortes e revoluções” mundo afora. Seus alvos haviam sido escolhidos cuidadosamente: “Jovens, é hora de mudar. De liberdade. Não deixem o PT voltar”, exclamavam. Seus argumentos eram corroborados por um homem de terceira idade a segurar um cartaz com o pedido: “SOS Presidente Bolsonaro. Limpe as universidades do comunismo”. A postulante a deputada federal pelo Partido Republicanos Monica Cury era das mais exaltadas e parecia ter combinado sua retórica com a dos jovens acima, pois alertava os presentes para a missão de salvar a próxima geração, já que eles (os bolsonaristas) já haviam perdido “duas ou três” delas. No mesmo tom, um casal viera com a filha ainda criança de colo e, em um comentário feito por um terceiro sobre a presença da criança na multidão, a mãe dizia, para quem quisesse ouvir, ser preciso “ensinar desde cedo...” Uma das primeiras palavras de ordem bradadas ainda dentro na lotada estação de metrô Cantagalo (e que seria repetida várias outras vezes) era “A nossa bandeira/Jamais será vermelha. A nossa bandeira/Jamais será vermelha”.

Ilustre entre os bolsonaristas por ter furiosamente rasgado uma placa de rua em homenagem a Marielle Franco em um comício em Petrópolis em 2018 ao lado do deputado federal Daniel Silveira, um folder do candidato à reeleição e deputado

estadual Rodrigo Amorim — ambos foram eleitos em 2018 pelo PSL e prestigiavam o evento — ilustrava a foice e o martelo, símbolos do comunismo, espalhados por vários lugares da América do Sul como se desenhassem um cerco ameaçando o território brasileiro. O texto completava à perfeição a imagem: “E que o Brasil jamais sinta as dores do comunismo”. Compartilhando temor semelhante, uma faixa branca optou pela língua inglesa para advertir ao mundo de que “The Brazilian people do not want the socialist dictatorship”. A palavra *dictatorship* estava pintada de vermelho e, provavelmente, referia-se a Lula. Nas entrelinhas, porém, a mensagem não pode ser lida no sentido de que uma ditadura *capitalista* seria aceitável? Assim que adentramos no vagão do metrô rumo à Copacabana, uma mulher septuagenária e outra de meia-idade a caminho da “comemoração” dialogavam sobre política e, sem qualquer discrição, definiram Dilma Rousseff — presa e torturada sob custódia do Estado nos anos setenta — como “bandida da ditadura”, ou seja, a ditadura era legal e aqueles que a ela se opunham eram, estes sim, criminosos.

Essa histeria coletiva anti-comunista encontra raízes no Estado Novo e continuou a ser inoculada no imaginário nacional pela ditadura militar na conjuntura da Guerra Fria e do alinhamento com os Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial. Nos últimos anos, embora a direita nunca tenha deixado de reprovar os governos Lula e Dilma por suas aproximações com Cuba e Venezuela, o renascimento do fantasma comunista, ainda que compreensível no bojo da metapolítica bolsonarista e sua instrumentalização da história, merece atenção. Mais recentemente, a delicada situação econômica do país governado por Nicolás Maduro e a subsequente migração de refugiados para o Brasil têm sido amplamente exploradas por Bolsonaro como *ameaças* a serem evitadas. Não satisfeito, ele complementa: a volta do PT ao poder faria do país uma Venezuela¹⁵. Eis a face *geopolítica* da metapolítica bolsonarista. Essa postura de Bolsonaro também corrobora o argumento de Deborah Cowen e Neil Smith apresentado na seção anterior de que a escala nacional é indispensável para o discernimento de como a geopolítica se processa no plano internacional.

¹⁵ Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/se-a-esquerda-voltar-nunca-mais-deixara-o-poder-no-brasil-diz-bolsonaro-a-tv-dos-eua.shtml>. Acesso em 24 de setembro de 2022.

Enfim, o mito é o mar aberto para o golpe. “Quando a toga se corrompe só a farda resolve”, lia-se em letras garrafais escritas à mão em uma cartolina levantada por uma mulher de meia-idade. Ao seu lado, do mesmo perfil etário e também trajando verde e amarelo, outra mulher difundia a seguinte mensagem: “President Bolsonaro: I authorize any decision you make. I love Bolsonaro! Elections 2022”. Uma pretendente a deputada federal situada em um trio cuja faixa alardeava “Presidente Bolsonaro, acione as Forças Armadas para auxiliar o senhor em defesa da sua liberdade e garantias constitucionais” sustentava também a existência de uma briga “contra a esquerda que, afinal, quer nos censurar”. Quatorze anos sucessivos de governos petistas resultaram na perda da *liberdade* da extrema-direita, reprimida desde a retomada da democracia. Basta de ideologia de gênero, restrição ao porte de armas por civis (“não é sobre armas; é sobre liberdade”, lia-se na camisa de um dos participantes), direitos humanos, equilíbrio entre poderes, respeito ao Supremo Tribunal Federal (“ele algema a democracia”, reclamava a placa de um apoiador). A insistência de Bolsonaro na questão do cerceamento da liberdade pela imprensa (“o jornalismo profissional morreu”, asseverava a mensagem de um bolsonarista), parlamento ou ONG’s não tem nada de ocasional. Propositadamente confusa, ela é o eco de uma massa cuja concepção de indivíduo paira acima dos freios e contrapesos representados pelas instituições garantes do estado de direito. Corrosiva, ela atinge em cheio um alvo que possui notória dificuldade em tolerar, em última instância, a própria democracia.

Conclusão

Documentada pela literatura nacional e internacional, a ascensão da extrema-direita nos últimos anos é um fenômeno que vem ocorrendo em vários lugares do mundo. No Brasil, sua materialização está associada à candidatura presidencial de Bolsonaro no ano de 2018 e ao projeto *necropolítico* de seu governo praticado desde então. Com ampla adesão por parte da sociedade brasileira, logo o termo *bolsonarismo* fez morada na mídia e na academia.

Visando definir alguns de seus contornos, tomamos por método o conceito de *metapolítica* utilizado por Teitelbaum em seu estudo sobre como Bannon, Dugin e Carvalho, ao trazerem a ideologia do *tradicionalismo* para a realidade do século XXI, contribuíram para a eleição de Trump, Putin e Bolsonaro. Ao acionar a questão da cultura em sentido amplo, a metapolítica ajuda a criar um Brasil “paralelo” onde a ditadura civil-militar é reabilitada por ter libertado o país do comunismo, sistema ameaçador que continua a se manifestar na atualidade por meio de Lula, o Partido dos Trabalhadores e a Venezuela. Em suma, o anti-comunismo torna-se um álibi para a defesa do autoritarismo.

No Brasil paralelo, a família patriarcal e o cristianismo são a base e, junto com o militarismo, convergem em direção à retomada da liberdade perdida pelos “cidadãos de bem” com o fim da ditadura. Esta concepção de liberdade é uma espécie de salvo-conduto para que a extrema-direita recuse veementemente tudo aquilo que não faça parte de sua “cosmovisão”, uma salvaguarda para que toda “crítica” oriunda da extrema-direita seja considerada legítima.

Do pensamento científico à preservação ambiental, das pesquisas eleitorais (“Vocês são o Datapovo, o Ibope não existe, alegava a candidata à deputada federal pelo PTB Ana Paula Goldbach”) às urnas eletrônicas (“Se Bolsonaro não ganhar no primeiro turno aí houve realmente roubo”, dizia um homem recebendo aprovação de um outro ao final do evento), das minorias sexuais às comunidades indígenas, tudo vira alvo de uma fúria irracionalista, violenta, destruidora. Não há nenhum acaso, portanto, na emergência do significativo “mito”; muito pelo contrário, ele é fundamental para iluminar o transe vivido pelos bolsonaristas, e este aspecto também reforça nosso argumento segundo o qual o bolsonarismo, enquanto um gênero de culto, ultrapassa a esfera da política. Não por coincidência ele coloca seus pilares (partidos, democracia, transparência, autonomia dos poderes, aceitação das regras) em xeque a todo instante. Da defesa explícita da tortura aos esquemas documentados de “rachadinha” e a subsequente compra de cinquenta e um imóveis em dinheiro vivo (Dal Piva, 2022); das *fake news* ao sigilo de cem anos sobre documentos governamentais relativos à covid-19, no Brasil

paralelo que se espalhou sobre Copacabana não há contradição, auto-crítica, questionamento. Ao “mito” cabe, tão somente, render obediência cega e submissa. Enfim, tal como indicava um cartaz levantado vaidosamente por uma bolsonarista, “Olavo tem razão”. A “guerra cultural” por ele apregoada entoxicou a sociedade brasileira de tal maneira que serão necessários muitos anos para reverter seu curso. Nas ruas e nas redes, a extrema-direita, que não deixou de existir após a ditadura civil-militar, renasceu e não tem mais vergonha de ser quem é.

Agradecimentos

Pablo Ibañez e Leandro Dias de Oliveira, meus colegas do departamento de geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, leram e comentaram um esboço do presente texto e eu lhes sou muito grato por isto. Particularmente útil foi também a oportunidade de abordar as vicissitudes da política nacional no âmbito de *Território e História no Brasil*, disciplina optativa do curso de Geografia da UFRRJ de maio a setembro de 2022. Agradeço vivamente aos alunos pela interlocução.

Referências bibliográficas

- Abranches, Sérgio. **Presidencialismo de coalizão: raízes e evolução do modelo político brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- Agamben, Giorgio. **Estado de exceção**. Trad. de Iraci D. Poleti. Campinas: Boitempo, 2004 (2003).
- Almeida, Ronaldo de. Bolsonaro presidente. Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos Cebrap**, vol. 38, 01, pp.185-213, jan.-abr., 2019.
- Alves, José Eustáquio, Cavenaghi, Suzana, Barros, Luiz Felipe, Carvalho, Angelita A. de. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, v. 29, n. 2, 2017.
- Anderson, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 2008 (1983).

- Arendt, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 10a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000 (1958).
- Bignotto, Newton. “Bolsonaro e o bolsonarismo entre o populismo e o fascismo”. In: Starling, Heloisa M.; Lago, Miguel; Bignotto, Newton (orgs.). **Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, pp.12-174.
- Braudel, Fernand. **Écrits sur l’histoire**. Paris: Flammarion, 1969.
- Brito A. S.; Mendes C. H.; Sales F. R.; Amaral M.C.S.; Barreto M.S. **O caminho da autocracia - Estratégias atuais de erosão democrática**. São Paulo: Centro de Análise da Liberdade e do Autoritarismo (LAUT), 2022.
- Bucci, Eugênio. **A forma bruta dos protestos. Das manifestações de junho de 2013 à queda de Dilma Rouseff em 2016**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- Caldeira Neto, Odilon. A direita envergonhada e a fundação do Partido da Reunificação da Ordem Nacional. **Historiæ**, Rio Grande, 7 (2): 79-102 (2016).
- Chauí, Marilena. “O totalitarismo neoliberal”. **Anacronismo y Irrupción**, vol. 10, n. 18, mayo – octubre, 2020, pp.307-328.
- Chauí, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.
- Cowen, Deborah; Smith, Neil. “After Geopolitics? From the Geopolitical Social to Geoeconomics”. **Antipode**, 40, 2009, pp. 2-48.
- Dal Piva, Juliana. **O negócio do Jair: a história proibida do clã Bolsonaro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- D’Araujo, Maria Celina. “Ainda em busca da identidade: desafios das Forças Armadas na Nova República”. **Texto CPDOC**, n.36, 2000, pp.1-20.
- Elias, Norbert. **Mozart, sociologia de um gênio**. Trad. Sergio Góes de Paula. Revisão Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995 (1991).
- Freud, Sigmund. “Psicologia das massas e análise do eu”. Trad. Paulo César de Souza. In: Freud, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 (1927), pp.13-113.

- Ginzburg, Carlo. “Medo, reverência, terror: reler Hobbes hoje”. Trad. Joana Angélica d’Ávila Melo. In: Ginzburg, Carlo. **Medo, reverência, terror**: quatro ensaios de iconografia política. São Paulo: Companhia das Letras, pp.13-32, 2014 (2008).
- Guéhenno, Jean-Marie. **O fim da democracia**. Trad. Howard Maurice Johnson e Amauri Temporal. 2a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999 (1993).
- Kershaw, Ian. *Hitler*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (2008).
- Lago, Miguel. “Como explicar a resiliência de Bolsonaro?” In: Starling, Heloisa M.; Lago, Miguel; Bignotto, Newton (orgs.). **Linguagem da destruição**: a democracia brasileira em crise. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, pp.19-69.
- Levitsky, Steven; Ziblatt, Daniel. **Como as democracias morrem**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- Lopes, Guilherme Esteves Galvão. “Enéas Carneiro e o Prona: nacionalismo e conservadorismo no Brasil pós-ditadura militar”. **Revista Dia-logos**, v. 10, n. 02, p.11-20, jul.-dez., 2016.
- Mann, Michael. **Fascistas**. Trad Clóvis Marques. São Paulo: Record, 2008 (2004).
- Martin-Barbero, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura de massa e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997 (1987).
- Massey, Doreen. **Pelo espaço**. Trad. Rogério Haesbaert e Hilda Pareto Maciel. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008 (2005).
- Mendes, Conrado Hübner. “O entulho autoritário era estoque: o regime nascido da Constituição de 1988 não apenas incorporou práticas da ditadura, mas criou formas novas de autoritarismo.” **Quatro cinco um**, 01 mar, 2020. Disponível em <https://www.quatrocincoum.com.br/br/artigos/direito/o-entulho-autoritario-era-estoque> . Acesso em 01 mar 2020.
- Nicolau, Jairo. **O Brasil dobrou à direita**: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- Nobre, Marcos. **Limites da democracia**: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro. São Paulo: Todavia, 2022.

- Nobre, Marcos. **Imobilismo em movimento**: da abertura democrática ao governo Dilma. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- Noiriel, Gérard. **A quoi sert “l’identité nationale”?** Marseille: Agone, 2007.
- Novaes, Adauto (org.). **O esquecimento da política**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- Oyama, Thais. *Tormenta*. **O governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- Pierucci, Antônio Flávio. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- Pinheiro, Paulo Sérgio. “Transição política e não-estado de direito na República”. In: Sachs, Ignacy; Wilhelm, Jorge; Pinheiro, Paulo Sérgio (orgs.). **Brasil: um século de transformações**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp.262-305.
- Revault d’Allonnes, Myriam. **Le dépérissement de la politique**. *Généalogie d’un lieu commun*. Paris: Aubier, 1999.
- Ribeiro, Guilherme. “Entre armas e púlpitos: a necropolítica do Bolsonarismo”. **Continentes (UFRRJ)**, v. 16, 2020, p. 463-485.
- Roudinesco, Elisabeth. **O Eu soberano: ensaio sobre as derivas identitárias**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2022 (2021).
- Santos, Milton. **A natureza do espaço**. *Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 1996.
- Santos, Wanderley Guilherme dos. **A democracia impedida**: o Brasil no século XXI. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.
- Singer, André. **O lulismo em crise**: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- Snyder, Timothy. **Sobre a tirania**: vinte lições do século XX para o presente. Trad. Donald M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- Starling, Heloisa Murgel. “Brasil, país do passado”. In: Starling, Heloisa M.; Lago, Miguel; Bignotto, Newton (orgs.). **Linguagem da destruição**: a democracia brasileira em crise. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, pp.70-119.
- Souza, Jessé de. **A elite do atraso**. *Da escravidão à Lava-Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

Teitelbaum, Benjamin R. **Guerra pela eternidade**: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da extrema-direita populista. Trad. Cynthia Costa. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

Todorov, Tzvetan. **Os inimigos íntimos da democracia**. Trad. Joana Angélica D'Ávila Melo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Todorov, Tzvetan. **O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010 (2008).

Zambello, Aline V., Mattos e Silva, Ivan H. de, Di Carlo, Josnei. "Olavo de Carvalho e a guerra cultural das novas direitas: entrevista com Alvaro Bianchi". **Em tese**, v.18, n.2, 2021, p.67-79.

Zaverucha, Jorge. **Rumor de sabres: tutela civil ou controle militar?** São Paulo: Ática, 1994.